

MARIA APARECIDA DE PAULA



1290001934



FE

TCC/UNICAMP P281o

Alfabetização e Trabalho Docente: limites e possibilidades

2005 01 20 10:00

Campinas, dezembro de 2004

Bib id 344784

UNIDADE:	F.E
Nº CHAMADA:	Tec/UNICAMP
	P2810
V:	
TOMSO:	1934
PRGC:	8012005
C:	X
FREQ:	21/10
DATA:	29.03.05
Nº CPD:	

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca da Faculdade de Educação/UNICAMP

P2810 Paula, Maria Aparecida de.
O que posso fazer para alfabetizar crianças com três anos de escolaridade? / Maria Aparecida de Paula. -- Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Alfabetização. 2. Reflexão. 3. Formação. 4. Família. 5. Pesquisadores. I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-0208-BFE

Trabalho realizado na disciplina TCCII,
sob a orientação do Professor Doutor
Guilherme do Val Toledo, na Faculdade
de Educação, na Universidade Estadual
de Campinas, UNICAMP.

Campinas, dezembro de 2004

Agradeço aos professores que me acompanharam ao longo desses anos, especialmente ao meu orientador Professor Doutor Guilherme do Val Toledo Prado e aos amigos e parentes pelo apoio nessa caminhada.

Agradeço emocionada as minha filhas Ynaê e Mayara de Paula Baptistela, pelo apoio, companherismo, carinho e compreensão pela minha ausência nesses quatro anos.

Ao meu noivo Ditmar Rampel, o carinho, apoio, companherismo e dedicação.

SUMÁRIO

Por Ynaê, Mayara e Ditmar

INTRODUÇÃO.....	5
LEITURA E ESCRITA: HISTÓRIA E ALFABETIZAÇÃO.....	6
A ESCRITA COMO REGISTRO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	12
A ESCOLA PÚBLICA E A QUESTÃO DA ALFABETIZAÇÃO.....	20
A SALA DE AULA: CAMPO DE AÇÃO E REFLEXÃO.....	36
CONCLUSÃO.....	44
BIBLIOGRAFIA.....	48

MARIA APARECIDA DE PAULA

Trabalho realizado na disciplina TCCII,
sob a orientação do Professor Doutor
Guilherme do Val Toledo, na Faculdade
de Educação, na Universidade Estadual
de Campinas, UNICAMP.

Campinas, dezembro de 2004

Agradeço aos professores que me acompanharam ao longo desses anos, especialmente ao meu orientador Professor Doutor Guilherme do Val Toledo Prado e aos amigos e parentes pelo apoio nessa caminhada.

Agradeço emocionada as minha filhas Ynaê e Mayara de Paula Baptistela, pelo apoio, companherismo, carinho e compreensão pela minha ausência nesses quatro anos.

Ao meu noivo Ditmar Rampel, o carinho, apoio, companherismo e dedicação.

Por Ynaê, Mayara e Ditmar

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
LEITURA E ESCRITA: HISTÓRIA E ALFABETIZAÇÃO.....	6
A ESCRITA COMO REGISTRO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL.....	12
A ESCOLA PÚBLICA E A QUESTÃO DA ALFABETIZAÇÃO.....	20
A SALA DE AULA: CAMPO DE AÇÃO E REFLEXÃO.....	36
CONCLUSÃO.....	44
BIBLIOGRAFIA.....	48

INTRODUÇÃO

O tema abordado nesta monografia é de interesse de todos os educadores e demais pessoas que interessam-se pela educação.

Os estudos feitos em relação ao tema escolhido oferecem um embasamento teórico baseado em outros estudos, pesquisas e observações práticas de situações de aprendizagem, que revelam o desenvolvimento da criança perante o processo de construção da linguagem escrita, sobretudo em situações de sala de aula, que se constituem um universo rico para a confrontação entre teoria e prática.

Suscita um problema atual, que se constitui numa questão importante, que os educadores necessitam responderem para si próprios, para poderem analisar a sua prática educativa, através de reflexões fundamentadas.

Este estudo apresenta-se através de uma fundamentação teórica, que busca clarificar conceitos quanto ao desenvolvimento do processo de aquisição da linguagem escrita na criança, e através da observação na escola que trabalho, de como a escrita é concebida pelos educadores, como eles fazem uso desta concepção para desenvolverem seu trabalho junto às crianças e se estão dispostos a refletirem sobre as questões educacionais e reorientarem suas atividades, visando objetivar a melhoria da qualidade de ensino.

Enfim, a escolha desse tema está intrinsecamente ligada à necessidade de reflexões cada vez mais contextualizadas sobre as questões que envolvem a alfabetização e a prática metodológica, buscando um enriquecimento teórico/prático de todos os educadores, fato que constato na realidade de sala de aula, visto que trabalho diretamente com educação escolar e acompanhamento de perto os assuntos pedagógicos.

LEITURA E ESCRITA: HISTÓRIA E ALFABETIZAÇÃO

Após afastamento de quatro anos da rede de ensino estadual, no ano de 2000 retornei, quando escolhi uma quarta série, na E.E . T. F .P.

Essa escola fica situada no Jardim das Bandeiras II, em Campinas, atendendo uma clientela formada basicamente pelos alunos moradores no bairro e na circunvizinhança do Parque Oziel, bairro de recente formação devido à ocupação em grande escala de famílias oriundas de diversos lugares, sem poder econômico para adquirir moradia, portanto desordenadamente ocuparam a terra e lá construíram suas casas, fato noticiado pela imprensa local.

Dos dados levantados no Planejamento Escolar sobre a clientela, através de questionário respondido pelos pais, ficou tabulado que a clientela em geral, é formada por família com precários níveis de escolaridade, com carências sócio-econômicas. No fator lazer infantil detectou-se que as crianças têm como principal diversão às brincadeiras de rua e a televisão.

Neste levantamento de dados junto às comunidades destacou-se que as mães são em sua maioria empregadas domésticas, diaristas ou trabalham de auxiliar de limpeza e cozinha em empresas particulares. Os pais entre profissões diversas são pedreiros, seguranças de condomínios.

Quanto a minha impressão sobre a escola, vejo que ela tem seus muros altos, separando o seu mundo interior do mundo da comunidade. E mesmo com os muros altos, a escola era invadida diariamente por adolescentes que insistiam em desafiar a segurança e romper com as regras construídas pela escola, de utilização do prédio e conservação deste, jogando pedras, quebrando vidros e pichando a escola.

A quadra de esportes era diariamente invadida por jovens que não estudavam na escola e a cada vez que íamos a quadra, tínhamos nossas bolas tomadas por eles. Além disso ouvíamos ameaças, ofensas, etc. A situação foi se tornando tão insustentável, que os professores decidiram não mais dar aulas de Educação Física na quadra.

Lembro-me que ao chegar na escola as informações recebidas não foram nada animadoras. Os professores mais antigos de casa apenas limitavam-se a citar casos de violência entre as crianças, tais como brigas no recreio e saída da escola, casos de indisciplina e dificuldades de aprendizagem. Então lhes perguntei o que tinham feito para mudar a realidade e os professores apresentaram diante do meu questionamento sobre quais as suas atitudes perante do quadro de violência e de dificuldade de aprendizagem, uma visão psicologizada do problema apontando a miséria, a fome, a desestruturação familiar como as grandes culpadas destes problemas e tirando deles próprios qualquer responsabilidade com a construção de regras de disciplina através da relação professor/aluno e utilização de metodologias e recursos diversificados que pudessem explorar suas habilidades de aprendizagem.

Confesso que fiquei apreensiva, mas pensei: Quero eu mesma sentir a escola! Quero eu viver minhas experiências e tirar as minhas conclusões!

Sobre como as crianças agem de forma violenta, o que é essa violência para elas, como se constitui no seu cotidiano escolar e sobre as suas dificuldades de aprendizagem através de avaliações diagnósticas.

No início do ano letivo ao fazer uma avaliação diagnóstica do nível de alfabetização, através de um ditado de um pequeno texto e interpretação de uma pequena estória em quadrinhos, deparei-me com uma realidade de construção da linguagem escrita que não condizia com o que se espera após 3 anos de escolaridade, ou seja, espera-se que a criança saiba ler e escrever.

Dos quarenta e três alunos matriculados na série em questão, mais de vinte não liam nem escreviam. Isso ficou constatado durante atividades de leitura de poesias (ler poemas em jogral) e músicas (cantar trechos de uma música) e produção de textos, através de bilhetes escritos para mim. Ou seja, o que eles esperavam que eu fizesse quanto à nossa relação, à minha forma de trata-los, que tipos de atividades, de proporcionar atividades.

Quando propus esta atividade, quis conhecer melhor e de forma subjetiva a impressão que causei a eles e as suas ansiedades quanto à nossa convivência.

Lembro-me que aqueles alunos mal sabiam escrever o próprio nome! Confesso que aquela situação além de surpreender-me, assustou-me e, uma

preocupação passou a tomar conta de mim. Comecei a pensar então em o que e como fazer para alfabetizar aquelas crianças ?

Com estes primeiros dados colhidos sobre o processo de alfabetização já construído, comecei a repensar a minha prática pedagógica, no sentido de encontrar caminhos que possibilitassem a alfabetização daquelas crianças, uma vez que teoricamente, já tinha lido mais livro sobre alfabetização e “recortado” algumas idéias e conceitos importantes para minhas reflexões, apoiadas em autores como Cagliari (1989), que contribuiu com o conceito de construção do sistema de Escrita ao longo do nosso desenvolvimento histórico e social explicitando a importância de reconstruí-lo.

Cagliari (1989) define a escrita como uma maneira de representar a memória coletiva, religiosa, mágica, científica, política, artísticas e cultural dos povos.

A construção do sistema de uma escrita vem, ao seu tempo, acompanhada de um notável desenvolvimento do comércio, dos transportes, das artes, da agricultura, da política e da manufatura.

(Moll 2001) chega a afirmar que uma civilização não pode existir sem escrita. Possíveis exageros à parte, podem afirmar a importância do desenvolvimento das linguagens (entre elas a escrita) para o processo civilizatório.

O sistema de escrita, tal como hoje o conhecemos, tem, segundo Barbosa (1992), seus antecedentes na pintura (enquanto linguagem):

“A pintura era inicialmente dirigida por um impulso estético. À medida que os desenhos passaram a transmitir, a comunicar fatos e idéias, os aspectos artísticos deixam de ser os mais relevantes (...) estes passam a ser utilizados como símbolos, como auxílio para identificar uma pessoa ou coisa.” (p. 34)

Nesta etapa descritiva, os desenhos não têm nenhuma relação com a fala, mas relação direta com as características do que tentam representar. O desenvolvimento da etapa descritiva da origem à escrita mnemônica, representativa ou pictográfica na qual o mesmo desenho representa sempre o mesmo objeto ou ser.

Os homens passam a fazer registros que possam ser socializados e assim, gradativamente, as marcas que eram individuais e arbitrárias tornam-se

símbolos com significações social e coletiva. Weisz (apud Moll, 2001) refere-se à escrita pictográfica como a mais antiga da qual se têm notícias e aponta seus limites, na medida em que só permitia a representação dos objetos que se podiam desenhar.

Barbosa (1992) indica exemplos deste tipo de escrita, nos cantos “Ojibwa” da América do Norte, na escrita asteca e, mais recentemente, nas histórias em quadrinhos.

Das limitações impostas pela escrita pictográfica (ou representativa, ou mnemônica) produz-se a escrita ideográfica, na qual:

“(…) um desenho do sol significa ‘sol’, mas também pode significar ‘brilhante’, ‘branco’ ou “dia”. A mesma representação assume significados associados – ainda dissociados do idioma, da fala, do oral.” (Barbosa, 1992, p. 35)

O pictograma se diferencia do ideograma pelo fato de que o primeiro representa o objeto em si e o segundo é uma convenção referindo-se a ele por analogia.

“(…) o ideograma dá uma idéia do objeto representado e, para ser aprendido. Em chinês a cor vermelha é representada pela montagem de quatro ideogramas: rosa, cereja, ferrugem e flamingo. Quatro objetos cujo atributo é a cor vermelha.”

Moll (2001) destaca que da mesma forma, o desenho de um pé humano pode significar “pé”, “caminhar” ou “estar em pé” e com um sinal adicional pode passar a significar “apressar-se”, “carregar”, “alicerce”.

Como escritas ideográficas mais importantes, conhecemos a egípcia (também conhecida como hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (como a cretense) e a chinesa (de onde provém a escrita japonesa).

Ao longo da evolução da própria escrita ideográfica, os desenhos convencionados para representar e caracterizar os objetos vão perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras retratadas, tornando-se simples convenções de escrita. Nestas transformações, está a gênese das letras do nosso alfabeto.

A Suméria é identificada, por diferentes autores, como berço da escrita, situando os primeiros registros ideográficos encontrados por volta de 3.150 a

3.000 a. C. A organização econômica dos sumérios baseava-se no comércio e no transporte de mercadorias do campo para a cidade e desta para o campo. O volume desta atividade passa a exigir destes povos registro exato das mercadorias transportadas e de seus transportadores/consumidores. Esta necessidade concreta, imediata, leva-os à construção e divulgação de um sistema de escrita que permita representar os nomes por desenhos dos sons destes nomes, pois esta era a única forma de representar pessoas e objetos.

A linguagem é uma forma de expressão, é o que distingue os homens dos demais animais, é o que nos identifica no processo de criação da cultura, como sujeito de grandes transformações no processo histórico e social, agimos no mundo através de nossas expressões, nossas linguagens.

Anteriormente à invenção da escrita, os povos primitivos usavam outras formas de enviar mensagens para se comunicar apesar da distância, sendo uma das mais notáveis, a simbologia através do desenho pictográfico, que perdurou por toda a pré-história.

Segundo Cagliari (1989), a língua é uma criação social, portanto, é um produto histórico. Ela evolui, transforma-se durante o processo de desenvolvimento da sociedade, considerando-se que ela constitui-se no principal código através do qual, os indivíduos de uma mesma sociedade se comunicam e se interagem.

Portanto, sendo um código de signos convencionais, a língua escrita exige aprendizagem de cada indivíduo, membro da mesma sociedade. Portanto, aprender uma língua é aprender também suas convenções.

Pensando e refletindo sobre tudo isso, fui buscar a compreensão do desenvolvimento da aprendizagem de meus alunos, através de um olhar crítico, e, se, ainda assim não conseguisse enxergar as falhas decorrentes do processo da aprendizagem, ao menos procurar enxergar o que poderia ser mudado, o que poderia ser feito para reverter à realidade daquelas crianças. Era necessária uma metodologia que permitisse dar continuidade ao desenvolvimento do processo de aprendizagem das crianças.

Estudar a evolução da escrita me ajudou a compreender o conceito de construção do Sistema Convencional de um novo prisma, com a necessidade de comunicação que o marca.

Revivendo essa experiência teórica reconstruí meu conceito de linguagem escrita e revalorizei os símbolos, que são tão importantes para a comunicação e tão comuns no dia-a-dia e que incorporei ao meu trabalho de alfabetização. Com estes novos saberes redirecionei minha prática.

Então, conversei com a direção da escola e coordenação pedagógica, explicando que necessitaria dar ênfase à escrita e leitura. Eles me deram "carta branca" para realizar meu trabalho.

Convoquei uma reunião de pais e para minha surpresa veio a maioria deles! Começavam ali as minhas primeiras impressões reais e concretas sobre a escola.

Percebi que os preconceitos sobre a dificuldade de aprendizagem foram se dissipando à medida que fui trabalhando o processo de alfabetização. E precisava contar isso aos pais.

Os pais vieram à reunião! O que para mim demonstrou uma preocupação real com a vida escolar de seus filhos! Isso me deixou muito feliz! Falei com eles sobre as minhas preocupações, sobre como ensiná-los, a partir do nível de alfabetização real dos alunos, e para que pudessem ter maiores resultados quanto à produção escrita, era preciso um trabalho sistematizado de aquisição do código escrito e de desenvolvimento da leitura, com objetivos claros e definidos, buscando sempre o desenvolvimento e aprendizagem da criança.

Pedi ajuda aos pais e disse-lhes que eu iria fazer o possível para reverter aquele quadro, mas que precisava que os pais me ajudassem em casa a manter uma rotina de estudo através da realização da tarefa de casa, que seria uma atividade que demandaria pouco tempo de realização e auto explicativa.

Eles entenderam as minhas preocupações e prometeram ajudar .

O olhar diferenciado para a situação daquele momento propiciou muitos ganhos em todos os sentidos da palavra, inclusive para mim, pois o educador não pode se sentir realizado cruzando os braços! O importante é tentar, buscar caminhos que nos levem a reflexão e a aprendizagem das crianças, através da teoria que dá sustentação nossa prática.

A ESCRITA COMO REGISTRO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Busquei um caminho de alfabetização que parte do conceito de que a representação escrita da língua se constitui na forma de registrar nossas idéias, sentimentos, fatos, acontecimentos, valores, regras, descobertas e leis, que permeiam nossa forma de organização social. A necessidade de registro como forma de comunicação é o marco das relações do ser humano com os primórdios da escrita e da leitura.

De acordo com Barbosa (1992), a escrita e a leitura advêm de um processo de desenvolvimento social como prática social, pressupõe uma intencionalidade, pois ela também promove a liberação ou dominação do homem através da linguagem, ou seja, possui uma espécie de intenção para afetar e ser afetado pelo outro, na medida que organiza e transmite idéias e mensagens.

A importância da linguagem está na raiz do pensamento do ser humano, direcionando seus atos perante o mundo.

Portanto, a escrita como forma de expressão, direciona-se para a coletividade.

Desde os primórdios da existência humana, pensamento e linguagem foram possibilitando ao homem ir atribuindo significado ao mundo e compartilhá-lo com outros homens.

É através da linguagem que cada um pode expressar sua individualidade e ter acesso ao patrimônio cultural constituído pela sociedade, possibilitando a expressão da individualidade e o acesso ao patrimônio cultural constituído pela sociedade.

Também pela linguagem que ocorre a transmissão de significados que apresentam uma pluralidade de forma de expressão em todos os segmentos sociais.

Segundo Cagliari (1989), a linguagem varia conforme as características dos grupos sociais: o grupo de origem, idade e sexo, classe social, local, crenças, visão do mundo, cultura, etc. Essa variação depende do contexto em que a comunicação ocorre e em que forma ela se manifesta (oral, escrita,

artística, corporal, etc.), e também depende dos papéis que as pessoas assumem em diversas situações. A linguagem é uma identidade sócio-cultural que define a história de um povo. Tem aspecto etimológico. Nossa língua é uma herança cultural. Nossas palavras têm origem e história. O sistema ortográfico procura guardar certas marcas dessa origem, por exemplo: as palavras que vem do latim.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1985), o registro gráfico da língua ocorre por meio de letras e das notações básicas, que compõem o sistema de escrita convencional.

A primeira manifestação de linguagem no ser humano ocorre por meio da expressão corporal, desde os primeiros dias de vida.

A linguagem oral e corporal é desde cedo, as primeiras formas de expressão desenvolvidas pela criança e essas formas particulares da linguagem se transformam em expressão gráfica.

Também desde cedo a criança tem contato com o mundo escrito a sua volta.

A aquisição da linguagem escrita para a criança do Ensino Fundamental é um processo que requer sistematizações com um grau de complexidade que envolve diversos elementos.

A escrita compreende códigos que se apresentam através de letras, com valor sonoro, que combinados formam as sílabas, que juntadas formam as palavras, que depois de reunidas, formam frases e textos.

Segundo Cagliari (1989), reduzir a escrita a uma simples codificação é simplificar, ou melhor, retirar o sentido da sua criação, seu valor enquanto expressão de idéias, de fatos, pensamentos e sentimentos que ao longo dos séculos levaram o homem a sentir a necessidade do registro de sua história.

A transformação da linguagem oral para a linguagem escrita se dará através do processo de alfabetização que a escola se incumbirá de desenvolver.

O homem, ao longo de sua história, tem buscado aperfeiçoar sua forma de comunicação através da linguagem, e a escola se constitui numa instância formal do saber sistematizado através da comunicação escrita.

A educação é dinâmica, apesar das estruturas conservadoras, seletivas e elitizantes das práticas escolares.

Essa dinamicidade acaba por revelar-se dentro dos muros escolares, no interior da sala de aula, refletindo os conceitos básicos da educação e salientando a cada dia que esta não nasce no interior da escola, apesar de ser esta última a instância que sistematiza o conhecimento produzido pela humanidade ao longo da história.

Lembro-me que os resultados ao final do ano foram muito bons, a classe toda ao final do ano já lia e escrevia num nível alfabético. Confesso que fiquei feliz e orgulhosa de mim mesma por ter realizado um bom trabalho.

Não se trata de orgulho inflamado, ou de convencimento, mas apenas de valorar um trabalho que deu certo, trabalho esse realizado e fundamentado em leituras e escritas de autores renomados que ao longo desses quatro anos tive a oportunidade de estudá-los. Pois ao estudá-los encontrei novas idéias e comecei a criar materiais alternativos, como as fichas de leituras, classificação de palavras de acordo com a realidade de construção do sistema convencional de escrita de cada aluno e da classe coletivamente.

E deu certo por que? Porque antes de tudo eu acreditei que através da minha prática pedagógica seria possível mudar aquela situação. Acreditei que pudesse mudar aquela realidade de defasagem de aprendizagem.

Mais uma vez ressalto as teorias que selecionei para me orientar neste trabalho de sala de aula e agora em meu TCC, como grandes propulsoras das minhas posturas metodológicas, pois me senti segura teoricamente, com argumentos para por à prova a prática e assim buscar resultados de sucesso.

As rotinas construídas com os alunos basearam-se nas exposições orais sobre temas escolhidos para desenvolver pequenos projetos interdisciplinares, no qual eram explorados os conhecimentos de todas as disciplinas do currículo, com significado para o aluno, partindo de sua realidade e que motivaram o registro escrito.

Sendo assim, devo registrar aqui a minha opinião sobre o quanto é importante os pais confiarem no seu trabalho e sentirem em você, profissional da educação, alguém que está preocupado com o desenvolvimento de seus filhos. Acredito que isso foi fundamental para o sucesso do trabalho.

No ano seguinte participei das atribuições de aulas e novamente escolhi uma quarta série na mesma escola. Por que? Porque gostei da escola, sei que toda escola tem suas dificuldades, já conhecia o perfil da clientela, já estava

familiarizada com o bairro, com a escola, com a comunidade e ela se localizava num local de fácil acesso. Lá tinha dificuldades? Muitas! Mas quem foi que disse que tenho medo de enfrentá-las? Era fevereiro de 2001, não sei aqui precisar o dia quando entrei na sala de aula para conhecer a minha turma. Fizemos as apresentações, conversamos, falamos sobre as expectativas deles, o que fizeram nas férias, brincadeiras e dinâmicas, etc.

No dia seguinte lá estava eu novamente fazendo um trabalho de sondagem, buscando subsídios que me dessem diretrizes para poder começar o meu trabalho e, para isso era preciso saber por onde começar.

A leitura tem sido um elemento de discussão pedagógica, no sentido de que a escola tem buscado refletir as formas mais viáveis do ensino da língua escrita.

A história da construção da escrita confunde-se com a história da humanidade, no que diz respeito à necessidade de comunicação.

O homem, ser social, desde seu nascimento precisa comunicar-se e desde seus primórdios, buscou desenvolver formas de comunicação que garantisse as formas de entendimento e leitura das mensagens que se queria veicular.

A escrita foi criada para que fosse lida a mensagem da qual ela seria portadora, portanto ela precisou ser sistematizada e convencionalizada ao longo de um tempo histórico para poder atingir a totalidade da humanidade.

Portanto, a escrita é uma forma viva de comunicação, embora dependa da leitura para não se tornar apenas letras mortas.

Com esta concepção de leitura e escrita, comecei entregando um texto para leitura, uma fábula "A Fábula da Convivência", da autora Letícia Dansa. Todos deveriam ler em silêncio e depois de um tempo faríamos uma leitura coletiva e, em seguida individual.

A leitura coletiva foi tranqüila, porém algumas crianças tropeçaram nas palavras. Na hora da leitura individual foi possível observar que as dificuldades eram muitas e que além das dificuldades em ler uma ou outra palavra, existiam aqueles que também não conseguiam ler nada! Entraram em desespero! Alguns ficaram sem graça, outros riram, não um riso de deboche, mas de nervosismo!

Foi então que pensei: tenho mais um desafio! Devo desenvolver um trabalho sistematizado que contribua com a aquisição da leitura e da escrita, pois na segunda parte da sondagem isso ficou constatado que os alunos precisam ser alfabetizados antes de tudo.

Lembro-me que era uma classe de 42 alunos, desses 18 não liam nem escreviam!

Dessa vez a surpresa foi menor, pois já vinha de uma experiência anterior bem sucedida. Acreditava que o caminho a seguir pudesse ser o mesmo e que novamente poderia contar com o apoio dos pais, etc. Ledo engano.

As coisas não foram tão simples assim, pelo contrário. Lembro-me que na reunião de pais veio uma meia dúzia e, desses apenas alguns se mostraram interessados. Confesso que fiquei decepcionada! Apesar da decepção, sabia que tinha um trabalho a ser realizado, independente das condições e que alguma coisa teria que ser feito por mim.

Foi uma tarefa muito difícil, pois, não tive a colaboração dos pais e na reunião seguinte puder perceber o porque: a maioria dos pais era de analfabetos e não tinham como ajudar os seus filhos. Mal conseguiram assinar o boletim de seus filhos!

Aproveitei a reunião e falei com aqueles poucos pais presentes sobre o programa de alfabetização de jovens e adultos que existia naquela região. Além disso solicitei que embora não soubessem ler e escrever, eles poderiam ajudar aos seus filhos através de incentivos e atenção.

Foi então que passei a buscar leituras sobre o processo de evolução do homem na construção da escrita. Destaquei como um recorte teórico de minha ação o estudo de Jacqueline Moll (2001).

Segundo Moll (2001), a evolução filogenética e ontogenética da humanidade, no planeta, causa-nos perplexidade. Em alguns milhões de anos, do homem da caverna, que vivia em permanentes situações de desafio imediato, chegamos ao homem contemporâneo, que apesar de também envolvido com o imediato, busca o infinito. O homem pré-histórico em constante luta para se alimentar, se aquecer, se defender, sobreviveu porque revelou maior capacidade de se adaptar, residindo, aí, a grande premissa dos trabalhos de Darwin.

Garcia (apud Moll 2001) afirma:

"Sobreviveu o homem, não porque fosse o mais forte, e não era, mas porque se revelou mais capaz de adaptar a uma realidade tão hostil. Agrupou-se, organizou-se, criou tecnologias, inventou o trabalho e superou sua fraqueza." (p. 16)

É neste processo que o homem produz a linguagem oral, não por mero exercício especulativo, mas por exigência concreta de sua experiência de sobrevivência.

Os sons produzidos pelos homens vão ganhando sentido no seu contexto, vão significando fatos importantes nas relações estabelecidas. Montagu (apud Garcia, 1986) esclarece que, pela repetição e estabilidade, aos poucos, os sons vão sendo interpretados, incorporados e imitados.

Isto para mim, foi um verdadeiro tocar de sinos, ou seja me fez entender a importância a oralidade no processo de construção da escrita, ora, o homem ouvir os sons para formar seus pensamentos através de palavras do outro.

Então, pensei, preciso trabalhar com a oralidade, preciso construir o conhecimento através do diálogo, do debate, dos consensos e desacordos de opiniões e a escrita será o registro deste conhecimento construído através de nossos conhecimentos já construídos anteriormente, pois todos nós na classe falamos, conversamos e articulamos idéias.

Precisava saber mais sobre as formas que poderia explorar de comunicação, então li Moll (2001), ressalta que os sons, gestos, ritmos, entoações que caracterizaram as primeiras tentativas na produção de linguagem, liga-se ao mundo do trabalho – mundo dos afazeres cotidianos – a ação humana desmandada pelas circunstâncias em que vive o homem: caçar, plantar, pescar, colher, lutar. Segundo Fischer, estes primeiros sons desarticulados vão se desdobrando em palavras, cantos e danças. À medida que vão nomeando as "coisas", as ações, os movimentos, as sensações, os homens vão diferenciando-as entre si e da totalidade a qual estão vinculados, vão "significando-as", conferindo-lhes identidade e, assim, dominando-as.

Este processo é executado pelos homens nas relações com os outros homens, em coletividade. É em grupo que o homem conhece a natureza e aprende a denominá-la, identificá-la e apropriar-se dela. É também em coletividade que o homem produz bens sociais, bens econômicos e bens

culturais indispensáveis à sua evolução e existência. A linguagem é, portanto, uma produção cultural e coletiva da humanidade.

Era o que eu procurava aí estava a teoria me lembrando a importância da comunicação no processo de alfabetização.

Às indagações levantadas por Kato (apud Moll 2001) sobre a gênese de a linguagem oral ser de natureza estritamente biológica, portanto, fato natural da vida humana, ou ser de natureza social, regida convencionalmente, “adquirida” culturalmente, apontamos a complementaridade destes dois aspectos. O aparato biológico e genético do homem é imprescindível à aprendizagem da fala, mas sem a experiência, a troca, a interação social, ela não se realiza e nem se desenvolve.

De acordo com Meou (2001), à exigência de comunicação que dá origem à linguagem oral soma-se o imperativo da crescente complexidade das relações entre os homens no surgimento e desenvolvimento da linguagem escrita.

Da mesma forma que a linguagem oral, a linguagem escrita é resultado de uma produção social, é uma síntese do esforço coletivo dos homens ao longo da história da humanidade. É parte dos bens culturais produzidos ao longo dos séculos.

A escrita origina-se quando o homem, pelas necessidades sócio-econômicas do contexto, aprende a comunicar seus pensamentos, atos e sentimentos, por meio de signos que, superando o caráter arbitrário inicial, vão se tornando inteligíveis para outros homens que compreendam seus significados. A escrita assume uma função de registros de fatos, idéias, descobertas, que vai permitindo ao homem equacionar problemas imediatos e guardar sua própria história.

Então, era assim que a escrita iria se desenvolver na minha sala de aula, partindo da comunicação, da construção oral de conceitos, da significação dos conteúdos e da necessidade de registrar tudo isso, através do desenho, da fotografia e da escrita.

Com o passar do tempo pude observar na minha análise a partir desta teoria que me dava alguns subsídios para minha ação, que alguns pais conseguiam entender minhas orientações de forma clara, de como realizar as atividades propostas em sala de aula, com seus filhos, enquanto que as

crianças entendiam minha linguagem de orientação e compreensão do processo de leitura e escrita.

Alguns pais por falta de tempo ou por desconhecimento, não se mostraram presentes no processo de desenvolvimento de seus filhos, pois alguns nunca cheguei a conhecê-los. O que não significa que não estavam preocupados com o desenvolvimento dos seus filhos, pois como nunca cheguei a conhecê-los, logo não saberia dizer o que os impediu de participarem.

Foi um ano difícil, de luta a favor do saber e do desenvolvimento da aprendizagem. A cada reunião de pais, uma constatação: sempre os mesmos estavam presentes! E os pais daqueles que mais tinham dificuldades, nunca apareciam! O sustento da casa era muito importante e os pais trabalhavam para sobreviver, sem ter tempo para dedicar-se à educação escolar de seu filho. O trabalho sempre foi à desculpa pela ausência.

Foi uma luta solitária, pois não tive nem mesmo a colaboração do coordenador pedagógico. Mas, também o que ele poderia fazer se mal dava conta das exigências burocráticas da Diretoria Regional? As exigências da Diretoria Regional e da Secretaria de Educação eram tantas que o mesmo vivia na frente do computador preenchendo papéis para entregar o mais rápido possível. Geralmente chegavam comunicados via internet sobre projetos, concursos, avaliações, etc; num dia para serem entregues no outro! Ou seja: não pude contar com o apoio pedagógico do coordenador.

Sem a ajuda do mesmo, o apoio dos pais, só me restava uma saída: arregaçar as mangas, usar dos meus conhecimentos a partir das leituras que realizei sobre alfabetização e, buscar estratégias interessantes que estimulassem a aprendizagem. Tais estratégias seriam pensadas a partir da questão da alfabetização, que é bastante elucidativa quando se trata de analisar as práticas educativas e metodologias para alfabetizar as crianças em idade escolar.

A ESCOLA PÚBLICA E A QUESTÃO DA ALFABETIZAÇÃO

Uma análise da escola pública, demonstra que os professores, em geral, utilizam-se como base de sua ação para alfabetizar a concepção tradicional, pautando-se pela apresentação das letras: grafia e valor sonoro, estudando o alfabeto, as sílabas, as palavras e textos.

Em geral, essa apresentação se faz através desta ordem de classificação, porém alguns professores fazem algumas variações, como por exemplo, retirar de textos ou músicas, as palavras, letras ou sílabas a serem estudadas.

Na realidade, a escola de maneira geral, ainda está presa ao livro didático, apesar de haver na prática uma mescla de atividade que complementam ou enriquecem estas atividades mais mecânicas propostas pelos exercícios de coordenação motora, cópias, leituras respectivas.

Essas atividades diferenciadas são representadas por recortes de letras, palavras, colagens e jogos pedagógicos.

Porém, essas atividades não garantem a identidade entre a criança e o objeto de conhecimento.

A escola não tem trabalhado a escrita como forma de linguagem, o que ela de fato é, antes tem tratado a escrita de maneira estanque, valorizando a sua forma sonora e gráfica sem fazer a ligação necessária para o início da alfabetização, ou seja, sem ligar a forma e o significado.

A aquisição das capacidades de redigir e grafar rompe com a idéia de que somente após o domínio do alfabeto e das sílabas é que a criança terá pré-requisitos para então iniciar na aprendizagem de um conhecimento de natureza notacional: a escrita alfabética e sua relação significativa com o que se quer escrever.

Se o professor entender a escrita como representação gráfica do pensamento não estará possibilitando de fato a compreensão e produção de narrativas na linguagem escrita, pois o registro gráfico que lhe foi apresentada e a forma como foi apresentada não faz relação intrínseca com o pensamento que se quer registrar.

As pesquisas nas áreas da aprendizagem da escrita, sobretudo de Emília Ferreiro e Ana Teberosky e a Psicologia Genética, nestas duas últimas décadas tem provocado uma verdadeira revolução na forma de compreender como esse conhecimento é construído.

Com todos estes estudos e pesquisas desenvolvidos sobre aprendizagem, alfabetização, fracasso escolar, linguagem, leitura e escrita, com Cagliari, Paulo Freire, Barbosa, Teberosky, Moll, todos citados nesta bibliografia, já se sabe que aprender a escrever envolve dois processos paralelos, que se constituem em compreender a natureza do sistema da língua escrita (símbolos e signos lingüísticos), ou seja o registro gráfico e o funcionamento da linguagem que se usa para escrever, ou seja, os aspectos discursivos da escrita, pois o simples fato de saber grafar, pois as regras convencionais que geram o sistema de escrita podem não estar dominadas.

Torna-se clara a necessidade de ensinar o sistema convencional do registro escrito, garantindo as regras que estruturarão as narrativas, salvando o signo lingüístico.

Portanto, ao ensinar a escrever por meios de práticas que visem a codificação de sons em letras, os professores acabam por relegar ao segundo plano o objetivo verdadeiro da escrita que se caracteriza pela aproximação máxima entre a intenção de dizer, o registro escrito e, a interpretação de quem lê.

Para aprender a escrever é preciso que a criança tenha acesso ao mundo escrito e principalmente à diversidade de textos escritos, para conhecer as várias formas de apresentação da escrita em diferentes circunstâncias e observando a sua utilização.

A alfabetização deve garantir a iniciação oficial no mundo da escrita, devendo ser o caminho para a transformação dos alunos em cidadãos da cultura escrita.

Alfabetizar é uma ação extremamente importante e significativa, sobretudo no aspecto histórico-político, pois através da palavra escrita a humanidade tem decretado os rumos de sua história. Alfabetizar não é apenas ensinar grafia, é desenvolver a linguagem criando condições para que ela possa se expressar, dentro das regras da convenção escrita, para que as intenções do que se quer falar, estejam expressar de maneira fiel.

A oralidade e a escrita devem ser formas de expressão que revelam ao leitor a intencionalidade do pensamento e a visão de mundo daquele que escreve.

O ato de ler, antes restrito a ambientes fechados, hoje, acontece em todos os lugares. Lê-se em casa, mas lê-se também nos bancos das praças, nas ruas, no ônibus, no metrô, nos aviões. E além de textos nas mãos, o indivíduo recebe outras mensagens escritas: placas, avisos, luminosos, outdoors. Nos últimos dois séculos, a leitura passou a estar indissociavelmente ligada à escrita. E a história de vida do homem, na era moderna e contemporânea, é toda ela pontuada por documentos escritos. São muitas e diferentes as circunstâncias da vida e por isso as pessoas produzem suas leituras de modo diversificado. Todas as formas de ler são relevantes, devendo pois ser contempladas. Como estender, a todos os indivíduos de uma comunidade letrada, a possibilidade de desenvolver de forma satisfatória um domínio de leitura? Cabe à escola, formalmente, estabelecer relações entre leitura e indivíduo, ou melhor, entre leitura/escrita e a criança, aprofundando os níveis de desempenho.

A leitura e a escrita são interdependentes, precisamos tornar símbolos convencionais para que a leitura seja uma forma de entender a mensagem que se quer ler.

O mundo da leitura tem muitas facetas. Lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas; lê-se para saber mais sobre o universo factual; lê-se em busca de diversão e descontração e, por meio da literatura de ficção e da poesia, lê-se para chegar ao "prazer do texto". Prazer que resulta de um trabalho intelectual intenso, de um corpo-a-corpo, em diferentes níveis, que se instaura entre o leitor – e sua experiência prévia de mundo – e o autor e seu texto de arte. São muitos os gestos de leitura e diferentes os textos que circulam nas instituições e grupos sociais. Obras teóricas, menos e mais complexas, juntam-se, em estantes de residências e até em bibliotecas escolares, a manuais didáticos. Textos literários refinados acabam convivendo com escritas voltadas ao puro entretenimento. Versões simplificadas de obras clássicas dividem o mesmo espaço com os originais que lhe deram vida. Além de revistas, quadrinhos e

jornais, os textos que aparecem na mídia eletrônica estreitam mais e mais seus laços com os produtos “tradicionais”.

Com este pensamento, iniciei a produção de um diário de memórias com experiências de sala de aula, no qual registrei acontecimentos de cada dia e posso dizer que foi uma luta diária! A cada dia terminado; a certeza de que ainda tinha muito por fazer! Na verdade ele virou meu roteiro de trabalho, pois com ele preparava as aulas do dia seguinte. O registro ajuda a selecionar atividades e guarda as emoções e as tristezas do dia-a-dia.

As crianças eram alegres, queriam aprender, mas eram também dispersas e as dificuldades em aprender a ler e a escrever eram reais.

Ao final do ano letivo uma constatação: Não consegui romper com as dificuldades com o mesmo sucesso do ano anterior! E percebi isso, através das redações produzidas pelos alunos, com muitos erros ortográficos com pouca coesão e coerência e muitos alunos ainda não estavam alfabetizados! Fiquei decepcionada comigo mesma! Porém...apesar de não ter conseguido cem por cento de sucesso no trabalho realizado; não pude ignorar os avanços. Havia sim conseguido caminhar, sair da estaca inicial. Havia sim conseguido despertá-los para a aprendizagem. Bastava a partir dali, alguém dar continuidade ao trabalho que estava desenvolvendo, objetivando a alfabetização e não os conteúdos de quinta série. Foi isso que disse na reunião final.

Avaliei que os processos de construção dessa turma precisou de maior desenvolvimento na oralidade, na expressão e comunicação, portanto, um ano não foi o tempo que eu preciso que o professor do ano seguinte desse continuidade ao trabalho que já estava em andamento.

No ano seguinte dos dezoito alunos em questão, oito foi para uma classe de aceleração, que atende alunos oriundos de 4ª série, com defasagem escolar e de idade. Quanto aos outros, esses felizmente estavam prontos para prosseguirem os estudos na quinta série.

Em 2002 prossegui os meus trabalhos também com uma turma de quarta série, na mesma escola. E, mais uma vez a constatação: cinquenta por cento dos alunos não estavam alfabetizados! Pensei: é minha sina! Mais um desafio! Mais um ano difícil! Sim porque além de alfabetizar, tinha que trabalhar os conteúdos de quarta série. No final do ano viria a cobrança do SARESP,

que é um Sistema de Avaliação Externa do Governo de São Paulo, para o Ensino Fundamental e Médio, com provas elaboradas pela Secretaria da Educação e aplicadas pelos professores da escola.

A Secretaria de Educação, a Diretoria de Ensino, enfim em todos cursos que fazemos, recebemos a orientação de que devemos nos preocupar com a aprendizagem da criança e com o desenvolvimento dessa como um todo, conforme as publicações oficiais sobre planejamento e alfabetização (PCN e afins). Concordo plenamente com isso.

No entanto, quando chega o final de ano vem a mesma Secretaria de Educação avaliar o nosso trabalho através de provas especialmente do SARESP, utilizando-se de critérios diferentes do que foi orientado nos cursos de formação! Ou seja: cobra-se tudo o que foi criticado por eles durante o ano letivo. Valoriza-se o conteúdo em detrimento da aprendizagem. E mais, não respeita os estágios de desenvolvimento da criança (silábico, silábico-alfabético, por exemplo) a partir da Proposta de Alfabetização de Emília Ferreiro, pois as provas partem do nível alfabético.

O ano começou como todos os outros: dinâmica coletiva, brincadeiras, conversas, desenhos livres, leituras de textos diversos (músicas, fábulas, histórias em quadrinhos, contos de fadas), etc.

No dia seguinte lá estava eu fazendo o meu trabalho de sondagem. Entreguei uma folha em branco e pedi que me contassem o que fizeram durante as férias. Expliquei que não se preocupassem em como escrever, mas em escrever apenas tudo o que fosse lembrando.

Minha preocupação era deixar a criança o mais livre possível, sem medo de escrever.

No dia seguinte entreguei-lhes um texto que tratava de uma lenda sobre o folclore nacional. A lenda do Saci Pererê. Entreguei-lhes uma folha digitada em computador, com letras grandes, todas maiúsculas. Fizeram uma leitura silenciosa enquanto eu os observava discretamente.

Quando todos disseram já terminados, começamos então a leitura individual do texto em voz alta. Nesse momento observei as dificuldades deles em realizar uma leitura. Depois fizemos um debate oralmente sobre o texto, buscando coletivamente fazer a interpretação do mesmo. Observei novas dificuldades: compreensão e interpretação do texto.

Ao analisar os textos escritos por eles , observei que o problema se repetia, ou seja: metade dos alunos não estava alfabetizada, pois a dificuldade em escrever persistia e a escrita não identificava idéias, eram palavras e frases soltas, sem coesão e coerência.

Comecei a intrigar-me com aquela situação, pois era o meu terceiro ano de trabalho com turmas de quarta séries e a realidade era uma só: crianças com três anos de escolaridades não alfabetizadas! Por que isso se repetia? Seria eu exigente demais achando que ao final de três anos de escolaridade a criança deveria estar alfabetizada? Ou seria descaso dos profissionais anteriores que não deram atenção devida a aquelas crianças? Seria um problema social? Descaso dos órgãos competentes? Seria o Estado falhando naquilo que mais deveria dar atenção e atuar efetivamente? Estaria eu certa quanto a minha inquietação? Ou seria a soma de tudo isso?

A resposta eu não tenho . No entanto penso que não podemos cruzar os braços diante de qualquer realidade de sala de aula. De quem é a responsabilidade pouco importa; o que importa de fato é o desenvolvimento e o despertar da criança para alfabetização, é nisso que devemos pensar. Foi o que pensei e fiz naquele ano.

Criei estratégias novas, tais como atividades práticas e lúdicas, promovi gincanas de tabuadas, fizemos saladas de frutas para trabalharmos o conceito de fração, montamos com a ajuda dos alunos uma mini biblioteca de sala, além de muito incentivo verbal, carinho e atenção.

Então, fiz mais leituras sobre o tema alfabetização, buscando enriquecer minha prática e pensar mais ações para minha ação educativa e destaquei as seguintes idéias: Segundo Charmes (apud Caderno TV escola, Português, 1999), as crianças aprendem a ler porque os professores conseguem fazer com que elas encontrem um sentido para o ensino que recebem. É na sabedoria e na intuição do professor que devemos confiar, desde que estes disponham das bases necessárias para tomar, em sua classe, decisões que só cabe a eles tomar. Pois, ler é ao mesmo tempo muito mais complexo e muito mais acessível às crianças do que pensávamos até agora. Veiculando os interesses e as fantasias das crianças, mesmo das mais pequenas, a leitura é, portanto, inteiramente acessível muito cedo, desde que sejam esses interesses e essas fantasias que nutram os textos usados para sua aprendizagem. Mas

ela é também muito mais complexa, e suas raízes estão plantadas muito profundamente na personalidade e no inconsciente das crianças, para que possamos construir em apenas alguns meses esta possante ferramenta de poder social.

Além disto, Charmeux (apud Caderno TV escola , Português, 1999), nos lembra da importância determinante do professor nesta construção, e a necessidade, para este último, de tomar ele mesmo suas decisões, isto é, de construir sua prática de ensino sem fazer apelo aos produtos “pré-embalados” que os hábitos escolares lhe propõem, mas a partir de objetivos claros, que uma formação de “alto nível” lhe tenha permitido dominar, e em relação estreita com os saberes que as crianças “já têm”. É neles, os professores, “em sua sabedoria e em sua intuição” (p.38), diz ele, e eu acrescentaria, em seu conhecimento de sua profissão, em suas exigências de rigor, em sua curiosidade científica, em sua vontade de se questionar, a fim de chegar mais perto das condições que possibilitem a todos o sucesso, que é preciso ter confiança. Sim, é nestas qualidades que é preciso ter confiança. Sim, é nestas qualidades que é preciso ter confiança, e não no imobilismo e na irresponsabilidade das práticas gastas, que são apresentadas muito freqüentemente como a marca de um professor “experimentado”. E, contudo, será que diríamos que um médico que trata da mesma forma há vinte anos, sem levar em conta as pesquisas atuais, é “experimentando”? Viver é questionar as evidências, é evoluir, procurar, fazer diferente, procurar fazer melhor, pôr-se em busca de informações novas. É preciso, portanto, confiar numa pedagogia dinâmica, rigorosa e científica, que trabalhe em equipe e ponha em comum o fruto de sua reflexão. Ela merecerá ainda mais confiança se não se fechar nos professores: uma equipe desta deve igualmente incluir os pais, assim como todos os parceiros sociais.

Novamente convoquei os pais, pedi a colaboração deles no sentido de orientar aos seus filhos quanto aos estudos em casa e se pudessem que os auxiliassem quanto às tarefas.

Sintetizando: esse também foi um ano de bastante sucesso. Ao final do mesmo as crianças estavam alfabetizadas, porém não todas! Mas... a maioria. Cinco dos alunos ainda continuavam com sérias dificuldades (erros ortográficos, falta de coesão e coerência) e, no conselho final de classe e série,

ao expor a situação, o conselho decidiu pela reprovação das crianças. É claro que apresentei a eles as atividades, cadernos, etc. E é claro também que não poderia decidir sozinha a vida daquelas crianças.

Em fevereiro de 2003, durante a atribuição de aulas novamente escolhi uma quarta série. Gosto de trabalhar com crianças maiores.

No início do ano letivo fiz o trabalho de sondagem com leituras e produção de texto. Pedi a interpretação escrita de uma gravura e fiz um ditado de um pequeno poema.

Confesso que a minha curiosidade era grande. Pensava: será que os alunos estão alfabetizados dessa vez? Ou será que novamente me depararei com crianças com três anos de escolaridades ainda não alfabetizadas?

As respostas para as minhas perguntas vieram através destes trabalhos de leituras e produção de textos. Dessa vez contei-lhes uma história sobre Chapeuzinho Vermelho até o final. Depois pedi que mudassem o final da história. Mas não sem antes ler repetidas vezes a história.

Apareceram coisas escritas quase indecifráveis, outras com finais confusos, e uns textos sem final nenhum. Teve também dois textos em que a criança começou escrever uma palavra e parou, não deu continuidade. Pensei: talvez se lhes entregar o texto mimeografado ou xerocado facilita. Decidi pelo xerox.

No dia seguinte conversamos um pouco e os orientei sobre os próximos passos de nossas atividades. Entreguei-lhes o texto sobre chapeuzinho vermelho xerocado, lemos novamente, porém dessa vez fiz a leitura para eles, enquanto os mesmos acompanhavam silenciosamente cada frase.

Orientei-os que deveriam ler novamente e mudar o final da história.

A proposta era a de observar o grau de envolvimento do aluno com a atividade a ser desenvolvida em classe.

Devo admitir que facilitou o desenvolvimento da escrita e da produção de texto mas, as dificuldades eram praticamente as mesmas dos anos anteriores! Crianças com três anos de escolaridade, ainda não alfabetizadas! Quatro anos de trabalhos consecutivos com quartas séries, quatro anos presenciando e vivenciado a mesma ou quase a mesma realidade!

Seria isso normal? Comum as outras escolas, das outras comunidades? Estaria sendo exigente, antiprofissional ao pensar assim? Ou será que não tive

uma formação de base que preparasse melhor? O problema é que eu sabia e tinha consciência que a criança desperta em diferentes momentos para a alfabetização, segundo as teorias do desenvolvimento de Jean Piaget (1954) Porém estranhamente as minhas inquietações permaneciam e insistiam em ficar nos meus pensamentos. Eram reis as minhas inquietações, o que não significa que eu estava certa.

Chamei os pais pedi a colaboração, informei-lhes sobre a realidade da classe e expus as minhas experiências anteriores com alunos com dificuldades no desenvolvimento do processo de leitura e escrita e as minhas expectativas quanto ao desenvolvimento da escrita e leitura e objetivos de alcançar o nível alfabético até o final do ano letivo. Falei das minhas preocupações e dos meus desejos quanto a preparar melhor aquelas crianças.

De fato não medi esforços! Resolvi utilizar diversas estratégias numa busca incessante da aprendizagem. Uma delas foi à utilização de projetos. Pensei que talvez facilitasse a compreensão deles quanto à leitura e escrita. Sendo assim decidi participar do Projeto PETE- Programa de Educação do Trânsito nas Escolas, desenvolvido pela EMDEC de Campinas.

Esse projeto não visa apenas conhecimentos de trânsitos e regras de comportamento, mas uma atitude de responsabilidade do uso dos espaços.

O Projeto da EMDEC propõe que: O eixo temático "Participação Social" proporcione situações didático –pedagógicas onde todos os conhecimentos construídos no eixo temático "Conhecimento" possam ser colocados em prática. Com o objetivo de garantir a funcionalidade, o contexto e o significado dos conteúdos e conceitos trabalhados no programa, este eixo está organizado sob forma de projetos pedagógicos denominados Projetos de Qualificação da Circulação, que são progressivos em sua complexidade e completares entre si, na forma como propõe a construção gradativa da participação social. A organização dos projetos prevê momentos da participação individual e coletiva, sendo que as situações pedagógicas propostas estarão contemplando situações gradativamente complexas de participação na circulação.

Recordo-me que as crianças daquela unidade escolar eram cheias de energias, e falantes. O recreio era recheado de confusões. Brigas, agressões, lanches eram utilizados como "armas" para agredirem os colegas e, as guerrinhas de maçãs eram constantes. Isso numa escola onde a comunidade

era carente, dependia da merenda da escola. Mas, não entendiam que o espaço do refeitório deveria ser respeitado como espaço de circulação daqueles que desejavam alimentar-se.

Pensei que talvez fosse o caso primeiro de trabalhar a cidadania, a responsabilidade com o uso dos espaços, e, principalmente o respeito com os colegas. Para isso seria preciso implantar um projeto onde eles pudessem atuar efetivamente como cidadãos, com o direito de alimentar-se num espaço tranquilo. Busquei então reorganizar a circulação interna no refeitório.

O objetivo geral seria desenvolver o exercício da cidadania na circulação por meio de atuação da criança nos espaços internos da escola. Quanto aos objetivos específicos seria reorganizar a circulação interna da escola qualificando e racionalizando o espaço e os deslocamentos dos alunos:

- Garantir a participação dos alunos em todas as etapas do processo de reorganização dos espaços;
- Proporcionar mudanças que fossem imediatamente incorporadas por toda a comunidade escolar;
- Garantir que os alunos discutissem o cumprimento das normas, avaliassem e reorganizassem as atividades que não estão atingindo o objetivo proposto;
- Garantir o exercício da cidadania na circulação interna da escola por meio da participação dos alunos na busca de soluções para a organização da circulação, priorizando a qualidade da circulação na busca por uma ambiência adequada dos espaços de estudar, estar, circular, brincar, contemplar, construir, reconstruir; etc.

Esses seriam os objetivos do projeto criado pela EMDEC, porém era preciso incorporar o objetivo principal do meu trabalho, ou seja a alfabetização. Trabalhar com o projeto PETE, seria para mim apenas um fio condutor para direcionar o trabalho de forma mais sistematizada para contribuir efetivamente com a aprendizagem.

Proporcionar a reflexão escrita, através de produções de textos sobre os problemas existentes na escola, talvez seria um dos caminhos a prosseguir para desenvolver o processo de leitura e escrita. Poderia dar errado? Claro que sim, mas eu tinha que tentar. Tinha que buscar estratégias que facilitassem a

compreensão do sistema de leitura e escrita: desenhos, fotografias, símbolos, poesias e músicas.

Para isso foi preciso que eles vivenciassem na prática as dificuldades de reorganização dos espaços, para depois passar para o papel de forma escrita.

Então, dividimos a escola por espaços e, juntamente dividimos a classe em grupo e, cada grupo ficou responsável por um espaço, o refeitório, o pátio, a quadra e os corredores. Tendo como objetivo reorganizar os espaços através da orientação verbal com os colegas como por exemplo: Porque deveriam parar de correr, pois os espaços eram pequenos, o porque de não jogar cascas de frutas no chão, o porque de não utilizar alimentos para agredir colegas e a questão do respeito mútuo.

Não foi fácil! A princípio as crianças não deram bola. Mas, depois ampliei essa discussão com toda a escola e pedi a colaboração de todos.

Ficou combinado que todos desenvolveriam o projeto e que a cada dia uma turma ficaria responsável pelo monitoramento de recreio, desde as primeiras séries até as quartas séries. Com todos envolvidos no processo facilitaria o trabalho e o sucesso do mesmo. Foi exatamente isso que aconteceu.

O Projeto da Escola despertou o senso de responsabilidade na criançada e todos queriam participar. Foi preciso fazer uma escala para organizar o sistema de monitoramento. Assim, cada dia uma turma ficava responsável por monitorar, orientar o recreio. Para facilitar melhor a identificação usamos crachás identificadores. O recreio melhorou muito. As crianças procuraram brincar em grupos de interesses, evitavam correr, jogar as cascas no lixo e, passaram a respeitar mais os colegas. De vez enquanto tinha brigas? Sim, mas...bem menos e, logo vinham os monitores orientarem.

Voltando ao objetivo principal desse trabalho, passamos da prática para a teoria. O desenvolvimento de atividades escritas em forma de redação contando as experiências práticas no interior da escola em detalhes. E para os ainda não alfabetizados, levantamento de palavras chaves sobre situações vividas no recreio, pesquisas de palavras com inicial igual, escrita espontânea, etc. Uso de quebras –cabeças, objetivando como partir da organização e colocação das peças no local certo, algo que parecia sem sentido, tem forma e lugar certo, formando assim palavras. Ou até mesmo quebra cabeças de

figuras que desse um sentido a uma frase e, depois então a busca pela escrita da frase formada pela figura. Murais de palavras chaves, construção de letras de músicas sobre o uso dos espaços, frases com palavras fora de ordem para serem organizadas, descrever em ordem alfabética os objetos existentes no espaço de sala de aula e no espaço exterior a essa dentro da unidade escolar, etc.

Enfim inúmeras estratégias com objetivo de proporcionar a aprendizagem e o crescimento de todas as crianças. Algumas atividades mais complexas para os já alfabetizados, outras menos complexas para os em início de alfabetização. Para desenvolver ações de alfabetização fiz leituras sobre letramento e o objetivo desta reflexão sobre o desenvolvimento do processo de alfabetização e do letramento é o de resgatar a verdadeira função social da escrita e da leitura, clarificando a importância da alfabetização de adultos dentro de um contexto real, carregado de significação, a partir da análise do texto publicado na folha de São Paulo, em 15 de setembro de 2003, sob o título "Analfabetismo funcional atinge 38% dos brasileiros", destacando que o Plano do governo Lula trata esta questão como prioridade absoluta, pois a maioria dos brasileiros sabe ler, mas não entende direito.

A gênese desta questão está na falta do letramento, que é o exercício da leitura e escrita nas práticas sociais.

Ao longo do tempo, o processo de alfabetização foi tomando característica mecanizada no cotidiano escolar.

A questão da alfabetização é bastante elucidativa quando se trata de analisar as práticas educativas e metodologias para alfabetizar as crianças em idade escolar, além das conseqüências da aprovação automática, que produz indivíduos que sabem ler e escrever, sem compreender direito que lêem e escrevem.

Na realidade não deveria haver uma aprovação automática, pois o Regime de Progressão continuada não prevê e sim entende que nos ciclos, os professores devem dar conta de alfabetizar o aluno e se a alfabetização não ocorrer com sucesso no decorrer dos quatro anos do primeiro ciclo, o aluno deverá ser conduzido a uma classe de Recuperação de Ciclo, que tem Projeto próprio da Secretaria da Educação que prioriza a alfabetização deste aluno.

A escola não tem trabalhado a escrita como forma de linguagem, o que ela de fato é, antes tem tratado a escrita de maneira estanque, valorizando a sua forma sonora e gráfica sem fazer a ligação necessária para o início da alfabetização, ou seja, sem ligar a forma e o significado.

A aquisição das capacidades de redigir e grafar rompe com a idéia de que somente após o domínio do alfabeto e das sílabas é que a criança, o jovem e o adulto terão pré-requisitos para então iniciar na aprendizagem de um conhecimento de natureza notacional: a escrita alfabética e sua relação significativa com o que se quer escrever.

Se o professor entender a escrita como representação gráfica do pensamento, não estará possibilitando de fato a compreensão e produção de narrativas na linguagem escrita, pois o registro gráfico que lhe foi apresentado e a forma como foi apresentado não faz relação intrínseca com o pensamento que se quer registrar e destrói o objeto de interação/socialização.

A Psicologia Genética tem provocado uma verdadeira revolução na forma de compreender como esse conhecimento é construído.

Com todos estes estudos e pesquisas desenvolvidos sobre aprendizagem, alfabetização, fracasso escolar, linguagem, leitura e escrita, letramento, já se sabe que aprender a escrever envolve dois processos paralelos, que se constituem em compreender a natureza do sistema da língua escrita (símbolos e signos lingüísticos), ou seja o registro gráfico e o funcionamento da linguagem que se usa para escrever, ou seja, os aspectos discursivos da escrita, pois o simples fato de saber grafar, revelam que as regras convencionais que geram o sistema de escrita podem não estar dominadas e que seu objetivo de socialização pode não se concretizar.

A oralidade e a escrita devem ser formas de expressão que revelam ao leitor a intencionalidade do pensamento e a visão de mundo daquele que escreve. E por essa orientação teórica pautei meu planejamento de atividades para a classe.

O debate de idéias, foi minha grande chave para discussão de temas de trabalho com meus alunos e o registro coletivo foi importantíssimo para o exercício de ouvir a idéia do outro e posicionar-se diante dela reformulando-a coletivamente, até ser aceita por todo o grupo como uma idéia que representasse o pensamento de todos.

Foi um ano cansativo, trabalhoso, difícil e gostoso. Gostoso porque ao final de mais um ano, vieram os resultados e dessa vez bastante positivo. Os resultados não foram cem por cento positivos, mas noventa por cento sim. Das vinte crianças não alfabetizadas, dezoito estava lendo e escrevendo! Isso foi o máximo. Penso que o prêmio máximo que um professor possa receber é ver o resultado do seu trabalho expresso não apenas nas produções de textos dos seus alunos, mas também nas atitudes, no comportamento diante das dificuldades. No posicionamento crítico diante de um artigo de jornal que fala sobre a violência, no qual o aluno se posicionou sobre o conceito de violência e sobre as suas causas e conseqüências, emitindo seu julgamento de valor. Enfim, o posicionamento crítico da criança diante de qualquer situação. Isso foi o que presenciei ao final daquele ano. Crianças livres, críticas, autônomas, independentes e solidárias.

Ao final do segundo semestre letivo daquele ano, ficou decidido quanto às outras duas crianças que as mesmas iriam freqüentar uma quinta série de projeto, onde as dificuldades seriam trabalhadas, além de aulas de reforço durante o ano letivo de 2004.

Houve um longo período em que as duas aprendizagens, leitura e escrita, eram concebidas de modo distinto. "Sendo a leitura e a escrita como concebidas como aprendizagens individuais e distintas, somente crianças cujos pais pudessem custear um preceptor eram iniciadas na arte de traçar as letras no papel, isso depois de longos anos de aprendizagem de leitura. Até os mestres escolares eram então especializados : havia aqueles que ensinavam a ler, outros que ensinavam a escrever e outros ainda, só a contar. Nas salas onde o mestre ensinava as três habilidades, o ensino era individualizado, sendo as crianças divididas por grupos de estágio de aprendizagem." (Barbosa,1992, p.16).

A revolução das letras veio com a Revolução Francesa, a escola se torna universal e gratuita, sob o controle do poder público que através de legislação centralizadora e unitária, visa massificar e uniformizar o ensino. De maneira que pudesse ensinar muitas crianças de modo rápido, fazendo economia.

Para tanto, buscou recurso em países estrangeiros com a finalidade de conhecer novos sistemas.

Na Alemanha havia uma abundância de escolas primárias, além de valorizar a formação do professor. Já na Holanda foram observados as técnicas renovadoras, entre elas o uso do quadro negro e o giz.

A matriz do ensino mutual adotado pelo Estado Republicano ,ficou conhecido por Método Lancaster- Bell.

Com ajuda de monitores o professor passa então a dirigir a classe, instruindo coletivamente as crianças.

Ao mesmo tempo em que essa estratégia era usada para instruir a massa, ao mesmo tempo acontecia o germe da ideologia mérito individualista. O ajudante, ou monitor como preferir, era sempre o melhor da classe, aquele que por esforços e dedicação conseguia se sobressair do resto das crianças.

Isso parece recente. É recente! Quantos professores ainda utilizam esse tipo de estratégia em sala de aula? Quantos professores usam como critério à avaliação individual como forma de promoção e, não um trabalho coletivo? Difícil precisar.

Estamos no Século XXI e, isso ainda faz parte da nossa realidade.

Barbosa (1992), cita em seu texto que o que nós hoje de processo de alfabetização, comporta , então a aprendizagem coletiva e simultânea dos rudimentos da leitura e escrita .

O que me faz refletir sobre as minhas experiências de sala de aula nos anos de 2000, 2001,2002 e 2003; pois até onde pude constatar, o trabalho anterior realizado com aquelas crianças, não foi coletivo, mas apenas com os alunos que conseguiram acompanhar o processo! Deixando para trás aqueles que tinham dificuldades e não conseguiam acompanhar e compreender o sistema de leitura e escrita.

Ficou claro para mim nesses quatro anos que, os profissionais que trabalharam durante os três anos de escolaridade daquelas crianças, priorizaram aqueles que sobressaíram em detrimento do restante que tinha dificuldades, pois para que todos aprendam é necessário que o professor dê ao aluno a informação necessária ao seu desenvolvimento de aprendizagem e acima de tudo, respeite suas limitações e estágios de desenvolvimento. Eu percebi que faltavam conceitos a serem construídos sobre a escrita, que nem todos estavam no mesmo estágio. Trabalhei as maneiras diversificadas e diferenciadas, dando atendimento pessoal na medida do possível.

Não estou dizendo aqui que isso era realizado de maneira consciente. O que na minha opinião é ainda mais perigoso. Significa que o professor não tem consciência da importância do seu trabalho com os menos favorecidos, com aqueles que mais precisam de ajuda, de uma oportunidade para saírem do mundo da escuridão, não apenas para ver as letras, mas para enxergar o significado. Aprendendo a interpretá-las e reinterpretá-las se preciso for.

Fico pensando por que será que em um ano (na quarta- série), conseguiram se alfabetizar e a compreender o sistema de escrita como um todo? Mágica da professora? Evidentemente que não. O que eles precisavam era de atenção, de alguém que olhasse para eles e os enxergassem como cidadãos que estavam ali para exercerem o seu direito mais profundo de não apenas freqüentar a escola, mas de aprender a ler e a escrever! Precisavam de um profissional que os incentivassem a seguirem em frente, com trabalho sério, com objetivos claros, definidos e sistematizados. Isso não quer dizer que fui melhor profissional que os outros anteriores. Talvez um pouco mais consciente do meu papel enquanto professora, da minha responsabilidade ética e profissional. Talvez isso tenha servido de base para o bom desempenho do meu trabalho.

Aquelas crianças aprenderam a ler e a escrever simultaneamente. Um processo que transcorreu de maneira natural e tranqüila, sem traumas.

Alias pelo contrário, a alfabetização proporcionou aumento da auto-estima daquelas crianças. Importante citar aqui que, as crianças que ainda não estavam alfabetizadas tinham uma auto- estima baixa com relação às outras crianças. Principalmente as de faixa etárias maiores.

Vale registrar que nesses quatro anos de experiências, encontrei alunos de quartas séries, ainda não alfabetizados com doze, treze, quatorze anos de idade.

Crianças que se sentiam incomodadas por estarem estudando com crianças menores, de comportamentos diferentes, mais infantis porém já alfabetizadas; enquanto elas já eram adolescentes e ainda não sabiam ler e escrever.

A SALA DE AULA: CAMPO DE AÇÃO E REFLEXÃO

A escola pública carrega as mazelas de uma escola rejeitada e taxada como incompetente pela elite que a organizou, porém tem cumprido o papel determinado pela mesma, é um espaço de reprodução das diferenças sociais e das relações de trabalho. Então, do ponto de vista dos resultados de má formação tem sido competente.

O retrato que temos hoje é de uma escola que luta para sair do poço em que foi empurrada.

Está em nossas mãos a autonomia pela busca de informação que enriqueçam nossa formação e que dêem subsídio a uma nova ação alfabetizadora que seja capaz de refletir sobre a realidade e transformá-la.

Na realidade para desenvolver a aprendizagem com significado é preciso um ambiente com disciplina e esta é uma questão de construção de valores coletivos em sala de aula e construção de conhecimentos com significado para a criança e trabalhar a questão da alfabetização com compreensão da construção do conhecimento, trabalhar a consciência do aprender e suas conseqüências.

Neste ano de 2004, buscando leituras que embasem meu trabalho, redescobri Paulo Freire (1989), e na sua percepção os conceitos de alfabetização e educação estão muito próximos, para não dizer que se confundem. Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler.

Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe os meios com os quais possa se alfabetizar". Vale

dizer que o homem, como sujeito e não como objeto de sua educação, tem um compromisso com sua realidade e nela deve intervir cada vez mais.

Depois de refletir sobre este recorte teórico de Paulo Freire e entender a questão do oprimido e as teias de poder que devem ser quebradas através do conhecimento, compreendi que era importante resgatar a verdadeira função social da escrita e da leitura, clarificando a importância da alfabetização dentro de um contexto real.

Tudo isso me inspirou a trabalhar a leitura da imagem através do jornal, pois a imagem suscita o pensamento sobre o que está sendo visto e a escrita é o registro desse pensamento, é a forma de externar sua opinião subjetiva.

Expliquei aos alunos a estrutura básica de uma redação, fizemos oralmente várias tentativas de produzir um texto a partir da imagem e em pouco tempo percebi que oralmente as crianças já organizavam o texto coletivo com facilidade a partir de um recorte de uma gravura.

Depois, passei a etapa escrita. Selecionei gravuras de jornal, coloquei numa mesa e pedi que cada criança escolhesse uma delas. Após a escolha da gravura, solicitei que cada uma contemplasse cada detalhe, cada expressão e que contasse uma história sobre o que estava vendo. (em anexo)

Fiquei muito feliz com as produções dos alunos, fizemos as correções necessárias e exploramos a leitura de todas as redações.

Para que esse trabalho fosse possível, a participação dos pais foi fundamental.

Combinamos desde o início do ano que os pais estariam colaborando para o desenvolvimento do hábito de estudo, o que desde o princípio ajudou muito meu trabalho, pois as crianças passaram a compreender que o conhecimento é importante em todas as esferas e que seus pais também o consideravam assim.

Fiz também uma reflexão sobre o cotidiano escolar e o cotidiano familiar, destacando a interação escola-família-comunidade e ressaltando a relação distante que a escola tem com a família de seus alunos e as perspectivas que as famílias dos alunos têm para com a escola, reafirmando a importância dessa relação no processo de ensino-aprendizagem e os seus desafios.

Ao se falar em desafios educacionais, deve-se destacar os aspectos qualitativos e quantitativos, pois se trata de universalizar o ensino fundamental,

sem perder o padrão de qualidade, a universalização do ensino elementar, a garantia de domínio dos códigos básicos da leitura e escrita e a superação do fracasso escolar terão que ser por nós enfrentados de forma tal que o próprio conteúdo do ensino receba tratamento adequado ao mais pleno desenvolvimento cognitivo.

Não se trata mais de alfabetizar para um mundo no qual a leitura era privilégio de poucos ilustrados, mas sim para contextos culturais nos quais a decodificação da informação escrita é importante para o lazer, o consumo e o trabalho.

Este é um mundo letrado, no qual o domínio da língua é também pré-requisito para a aquisição da capacidade de lidar com códigos e, portanto, ter acesso a outras linguagens simbólicas e não verbais, como as da informática e as das artes.

Grande é minha preocupação com a qualidade de ensino, e mais reflexões tenho feito sobre ela. Li muitos documentos e textos sobre a alfabetização e sobre as condições que a escola oferece para a sua implementação.

Do livro lido pude ressaltar a importância da reflexão de Paulo Freire sobre a realidade existencial, e propõe articulação da escola com essa realidade nas causas mais profundas dos acontecimentos vividos, procurando inserir sempre os fatos particulares na globalidade das ocorrências da situação.

É preciso que o professor ouse e nessa ousadia estabeleça o diálogo com seus alunos, fazendo com que a educação seja dinâmica e real, a discussão dos temas do contexto do aluno é um ponto forte na sua obra e é a principal fonte da ousadia do professor em organizar os conteúdos a partir da realidade do aluno, que vive na sala de aula junto com este professor a organização sistemática do conhecimento que deve ser emancipatório e transformador da práxis social.

Aprendizagem da leitura e da escrita equivale a uma releitura do mundo. Ele parte da visão de um mundo em aberto, isto é, a ser transformado em diversas direções pela ação dos homens.

Paulo Freire (2002), atribui importância ao momento pedagógico, mas com meios diferentes, como práxis social, como construção de um mundo refletido com o povo.

Para Paulo Freire (2002), o diálogo é o elemento chave onde o professor e aluno sejam sujeitos atuantes. Sendo estabelecido o diálogo processar-se-á a conscientização porque:

- a. é horizontalidade, igualdade em que todos procuram pensar e agir criticamente;
- b. parte da linguagem comum que exprime o pensamento que é sempre um pensar a partir de uma realidade concreta. A linguagem comum é captada no próprio meio onde vai ser executada a sua ação pedagógica;
- c. funda-se no amor que busca a síntese das reflexões e das ações de elite versus povo e não a conquista, a dominação de um pelo outro;
- d. exige humildade, colocando-se elite em igualdade com o povo para aprender e ensinar, porque percebe que todos os sujeitos do diálogo sabem e ignoram sempre, sem nunca chegar a ponto do saber absoluto, como jamais se encontram na absoluta ignorância;
- e. traduz a fé na historicidade de todos os homens como construtores do mundo;
- f. implica na esperança de que nesse encontro pedagógico sejam vislumbrados meios de tornar o amanhã melhor para todos e,
- g. supõe paciência de amadurecer com o povo, de modo que a reflexão e a ação sejam realmente sínteses elaboradas com o povo.

Portanto, a partir de Paulo Freire (2002), pode-se afirmar que a escola precisa ouvir a voz dos alunos e da comunidade que a compõem e o professor tem que estar aberto à comunicação, ao diálogo pedagógico, que constrói a realidade da aprendizagem e dá significado ao conteúdo aprendido, pois ele é retirado do cotidiano desta comunidade. Aprender e ensinar conteúdos significa importar-se com a validade dele na práxis social.

Também precisei fazer ao longo deste ano um profundo estudo sobre Didática.

Didática, segundo Snyders (apud Cadernos da TV Escola, Português, 1999), pressupõe fundamentalmente o fornecimento dos instrumentos para a concretização do ato pedagógico, que é um ato de incitação intelectual ao conhecimento; é também uma forte relação afetiva entre o professor e os alunos, relação afetiva que deve ser vivida com todas as dificuldades que pressupõe.

Então, conclui que a criança vive uma ansiedade, uma angústia muito profunda, na busca de seu desenvolvimento, do seu desabrochamento e, se a classe não lhe proporciona uma segurança, um encorajamento, uma confiança, se torna para ela o lugar de projeção das dificuldades familiares, em vez de ser o lugar de elucidação pelo menos parcial ou de compensação, a comunicação não se estabelece, o que traduzirá num malogro para a cultura.

Assim ficou claro o objetivo da Didática, que tem como pressuposto fundamental possibilitar ao cidadão as condições de compreensão e interpretação de mundo em seu momento histórico vivido, bem como sua participação na sociedade atuando na cultura, na política e nos meios de produção, através do desenvolvimento de competências adquiridas pela assimilação e aquisição do saber científico sistematizado.

Então, percebi que era fundamental a realização de leituras sobre a organização do fazer pedagógico.

Na leitura do livro de Libâneo (1990), destaquei as contribuições que a Didática poderia dar ao meu trabalho, pois ela oferece oportunidades ao professor de refletir sobre a escolha dos conteúdos, elaborar o plano de ensino e de aulas, necessário ao professor o domínio seguro da matéria e bastante sensibilidade crítica.

De um lado, os seus conteúdos são necessários e, quanto mais aprofundados, mais possibilitam um conhecimento crítico dos objetos de estudo, pois os conhecimentos sempre abrem novas perspectivas e alargam a compreensão do mundo.

Por outro lado, esses conteúdos não podem ser tomados como estatísticos, imutáveis e sempre verdadeiros.

É preciso, pois, confrontá-los com a prática de vida dos alunos e com a realidade.

Todos os autores que li preocupam-se com a organização do trabalho pedagógico, visando o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem com o maior sucesso possível, envolvendo os alunos da melhor maneira possível, buscando sintonizar a escola com a realidade do aluno, para que ela possa ter significado em sua vida e na prática social.

Toda leitura que realizei me fizeram entender que a Didática do professor é muito importante para o fazer da sala de aula, pois uma de suas

funções articular a ação interdisciplinar no espaço escolar, indicando às demais disciplinas o "para quem", o "para quê", o "como", e o "por quê" do processo de ensino e aprendizagem, dentro de uma dimensão humana, técnica e político-social. Ao estudar a Didática podemos compreender a importância e a necessidade de construir e dar significado a identidade docente, repensar o processo de ensino e aprendizagem e refletir sobre algumas possibilidades de (re)organização do trabalho docente.

Eu gosto muito de trabalhar a questão da interdisciplinaridade e a Didática é fator essencial para entendê-la e construí-la na sala de aula.

A Didática é a fonte de conhecimento que proporciona direcionar o trabalho pedagógico a partir de subsídios de organização do currículo, das disciplinas, do plano de trabalho em sala de aula. Fornece a orientação sobre o trabalho escolar, é a ação do dia-a-dia.

É o acontecimento pedagógico, que todo professor constrói, orientado pelas teorias que estudou e pela prática em que opera, transformando-a na medida que reflete sobre seus resultados.

Toda vez que falamos sobre Didática, temos que lembrar um dos instrumentos de trabalho que por muito tempo e ainda hoje é utilizado no dia-a-dia do professor: o livro didático.

Libâneo (1990), entre outros autores, em sua obra defendem a ideia de que os livros didáticos se prestam a sistematizar e difundir conhecimentos mas servem, também, para encobrir ou escamotear aspectos da realidade, conforme modelos de descrição e explicação da realidade consoantes com os interesses econômicos e sociais dominantes na sociedade.

Se o professor for um bom observador, se for capaz de desconfiar das aparências para ver os fatos, os acontecimentos, as informações sob vários ângulos, verificará que muitos dos conteúdos de um livro didático não conferem com a realidade, com a vida real, a sua e a dos alunos.

Textos de Língua Portuguesa e História passam noções, por exemplo, de que na sociedade as diferenças entre as pessoas são individuais e não devido à estrutura social; que nela todos têm oportunidades iguais, bastando que cada um se esforce e trabalhe com afinco.

Textos de Ciência não auxiliam os alunos a colocar cientificamente problemas humanos a compreender o esforço humano de várias gerações de

homens no conhecimento da realidade, como se o conhecimento científico nada tivesse a ver com problemas reais da vida cotidiana.

Ao recorrer ao livro didático para escolher os conteúdos, elaborar o plano de ensino e de aulas, necessário ao professor o domínio seguro da matéria e bastante sensibilidade crítica.

De um lado, os seus conteúdos são necessários e, quanto mais aprofundados, mais possibilitam um conhecimento crítico dos objetos de estudo, pois os conhecimentos sempre abrem novas perspectivas e alargam a compreensão do mundo.

Por outro lado, esses conteúdos não podem ser tomados verdadeiros. É preciso, pois, confrontá-los com a prática de vida dos alunos e com a realidade, e utiliza-los como forma de refletir sobre a realidade e operar nela.

Diante dessas análises feitas à luz de reflexões de vários autores e opiniões de outros professores, aprimorei minhas observações sobre o que é ensinar.

Então, mais uma vez, resgatei textos de Paulo Freire. Todo o seu pensamento tem uma relação direta com a realidade. Essa é sua marca. Ele não se comprometeu com esquemas burocráticos, sejam os esquemas do poder político, sejam os esquemas do poder acadêmico. Comprometeu-se acima de tudo com uma realidade a ser transformada.

Paulo Freire (2002), propõe uma nova concepção da relação pedagógica. Não se trata de conceber a educação apenas como transmissão de conteúdos por parte do educador. Pelo contrário, trata-se de estabelecer um diálogo, isso significa que aquele que se educa, isto é, está aprendendo também.

A pedagogia tradicional também afirmava isso, só que em Paulo Freire o educador também aprende do educando da mesma maneira que este aprende dele. Não há ninguém que possa ser considerado definitivamente educado ou definitivamente formado. Cada um, a seu modo, junto com os outros, pode aprender e descobrir novas dimensões e possibilidades da realidade na vida. A educação torna-se um processo de formação mútua e permanente.

No pensamento de Paulo Freire (2002), tanto os alunos quanto o professor são transformados em pesquisadores críticos. Os alunos não são uma lata vazia para ser cheia pelo professor.

Mas, Paulo Freire pode ainda ser lido pelo seu gosto pela liberdade. Essa seria uma leitura libertária.

Como muitos dos seus intérpretes afirmam, a tese central da sua obra é a tese da liberdade-libertação. A liberdade é o ponto central de sua concepção educativa desde de suas primeiras obras. A libertação é o fim da educação.

A finalidade da educação é libertar-se da realidade opressiva e da injustiça; tarefa permanente e infundável. Para Paulo Freire a realidade opressiva não é "privilegio" dos países do Terceiro Mundo.

Em maior ou menor grau, a opressão e a injustiça existem em todo mundo. Por isso sua pedagogia não é apenas uma pedagogia "terceiro-mundista".

A educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos.

E foi exatamente isso que fiz com meus alunos, tratei-os como sujeitos de sua própria história.

A libertação como objetivo da educação é fundada numa visão utópica da sociedade e do papel da educação. A educação deve permitir uma leitura crítica do mundo.

CONCLUSÃO

O mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a denúncia da realidade opressiva, da realidade injusta, inacabada e, conseqüentemente, a crítica transformadora, portanto, o anúncio de outra realidade.

O anúncio é a necessidade de criar uma nova realidade. Essa nova realidade é a utopia do educador. E eu acredito nela, tanto que estou aqui a defendendo em meu TTC.

Como já mencionei, gosto muito de trabalhar com a interdisciplinaridade e sabendo das dificuldades de meus alunos, já comentadas no começo deste trabalho, decidi trabalhar a reescrita de texto como desencadeador da discussão sobre os animais e sua classificação.

Para trabalhar com aves, utilizei como desencadeador da discussão o texto de um dos alunos (em anexo), chamado "A galinha choca".

Nele trabalhei verbos, pontuação, animais, o ovo, alimentação, tudo através da oralidade.

Observei nestes trabalhos, o envolvimento dos alunos na realização das atividades, dando opiniões e ajudando a melhora-las.

A escola tem sido muitas vezes frustrante diante das expectativas da criança.

A criança vê a escola como sendo um mundo novo, onde vai adquirir conhecimentos mais complexos, que são indispensáveis em seu desenvolvimento futuro.

A maioria das crianças aguarda ansiosamente a época de freqüentar a escola, uma vez que este é o seu papel social enquanto criança, que é o que a família e a sociedade escolar esperam dela, pois desde cedo a criança brinca de escola, com cadernos, lápis, canetas, lousa, giz, que ganha presente ou improvisa nas paredes de sua casa, imitando as outras crianças que freqüentam a escola e também o trabalho dos adultos.

A escola significa, também, a separação do meio familiar e uma nova adaptação social, porque o grupo ao qual a criança vai pertencer, lhe é

estranho e heterogêneo, com crianças de diferentes classes sociais e costumes.

O professor é o elemento adulto unificador no grupo, que representa o conhecimento e que deve ser o facilitador da aprendizagem.

Mas, ao entrar na escola, muitas vezes, a criança se depara com uma realidade que não tem significado para ela, não se identificando com a escola, não conseguindo aprender o que é esperado que ela aprenda.

A eficiência da aprendizagem escolar depende e está diretamente relacionada a características pessoais tanto do professor como do aluno; interação aluno-professor, condições ambientais da escola, características da escola, programa escolar, influência e pressões extra-escolares.

Os determinantes sociais são fatores de grande influência nas dificuldades de aprendizagem.

O meio em que a criança vive a influência e muito, pois muitas vezes a família passa por dificuldades financeiras, não existe um relacionamento bom entre os pais e a criança, os pais trabalham fora e mal têm tempo para conversar com seus filhos; briga entre os pais, falta de diálogo e compreensão resultando em crianças inseguras, carentes de atenção e afeto, o que na maioria das vezes interfere muito no seu rendimento escolar.

Por outro lado, existem as famílias que oferecem toda a atenção aos filhos, onde os mesmos possuem experiências positivas, sem grandes problemas relacionados à aprendizagem.

A criança quando entra na escola traz a sua história de vida junto com ela, que envolve seus pais, irmãos, seu grupo social, com linguagem, valores e padrões de comportamento diversos.

Se as experiências de vida da criança anteriores à escola foram satisfatórias, ela pode apresentar expectativas desejáveis, como: desejo de aprender, ter amigos e experiências novas; porém, se suas experiências anteriores significam sofrimento, suas expectativas são maiores ainda, anseia receber muitas coisas que não recebeu antes como atenção, apoio, estímulo, aceitação e valorização de sua pessoa.

A escola como local de construção de conhecimento pode detectar problemas que dificultam a aprendizagem e em outras circunstâncias criar as dificuldades de aprendizagem ao produzir o fracasso escolar.

Neste contexto tenho analisado a trajetória de meus alunos. Tentando a cada novo dia mais formas de atraí-los para o conhecimento e de encanta-los pela escola.

Fiquei muito curiosa sobre a leitura relativa a alguns pontos básicos da prática do professor o bom professor e sua prática fala principalmente que a educação de professores significa partir do desempenho do professor na prática de sala de aula.

A escola é uma instituição contextualizada, e sua realidade, seus valores sua configuração variam de segundo as condições que a envolvem.

A educação é fruto de ideologias , pois possui um conceito relativo em função de valores individuais e sociais.

Portanto, é necessário o professor refletir sobre sua trajetória, seus alunos e sobre a educação, para compreender e interferir na prática pedagógica.

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância.

É através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor e é tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, suas idéias, sua prática e como as verbaliza em seu discurso.

A aquisição da linguagem escrita para a criança do Ensino Fundamental, é um processo que requer sistematizações com um grau de complexidade que englobam muitos elementos, ou seja, a escrita compreende um universo de símbolos (letras) que combinados, formam a representação de idéias (palavras, frases, textos).

Este estudo está permeado pela necessidade de construção do conhecimento a partir das dificuldades apresentadas por crianças que já tem 3 anos de escolaridade e que não apresentaram um desenvolvimento esperado para a série de estudo e contribuirá também para uma reflexão da prática educativa, pois o professor necessita de constante atualização pedagógica, que se dará via pesquisas e estudos que enriquecerão sua relação teoria/prática e que refletirão nas suas aulas na classe.

Enfim, é preciso que os professores tenham cada vez mais acesso às teorias que fornecem subsídios ao processo de aprendizagem.

Dessa forma, meu trabalho pode contribuir com uma visão atualizada do contexto em que ocorrem as produções escritas e destacar a importância do trabalho do professor desenvolvendo a criatividade do aluno e levantando sua auto-estima.

Enfoquei a questão do aprender a partir da construção do conhecimento a partir da realidade do aluno.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1992.
- BRASIL, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA, *Cadernos da TV escola , Português*, 1999.
- CAGLIARI, Luiz Carlos, *Alfabetização e lingüística*, São Paulo, Scipione, 1989.
- CARDOSO, C. J. *Da oralidade a escrita: a produção do texto narrativo no contexto escolar*. Cuiabá UFMT – INEP – MEC, 2000.
- FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. *A Psicogênese da Língua Escrita*. São Paulo: Ática, 1985.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GARCIA, Regina Leite. *A formação da professora alfabetizadora: Reflexões sobre a organizadora*. São Paulo: Cortez, 1992.
- MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo: Ática, 2002.